

PETRÓLEO HOJE

Uma publicação da Editora Brasil Energia

Assine Agora

Radar » 3R Petroleum vende a gasolina mais l

Home > Empresas >



Pollo
Engenharia

INDUSTRIAL
LOGÍSTICA
FACILITIES

Inovar.
Solucionar.
Somar.
POLLOENG

Empresas

Regnier mantém investimento no país em busca de qualificação

Em entrevista exclusiva, executivo da francesa Regnier, Jérémy Matioszek, da área de cilindros hidráulicos, fala das perspectivas da companhia para o Brasil

Por Redação Em 4/07/2017



Jérémy Matioszek é country manager da Regnier no Brasil (Cortesia)

O Brasil pode decepcionar as empresas estrangeiras no curto prazo. A impressão é de Jérémy Matioszek, country manager da Regnier, companhia francesa de fabricação e prestação de serviços de manutenção de cilindros hidráulicos que está há dois anos no país. De acordo com Matioszek, o Brasil continua atraindo os olhares de companhias internacionais, mas os investimentos têm que ser feitos pensando no longo prazo. "Aqui tudo é difícil, as dificuldades vêm antes das oportunidades", afirma o executivo.

O Brasil atendeu às expectativas da Regnier?

J: Ainda não. Estamos muito decepcionados, pelo tempo, pelo “custo-Brasil”... A mão de obra é muito cara, tem o preço da tributação... A matéria prima é duas, três vezes mais cara que na Europa e importar um produto é mais barato do que fabricar aqui, isso é triste. A nossa força aqui é que conseguimos fabricar fora, importar, e fazer o serviço de pós-venda aqui.

Qual é a visão que vocês têm do país hoje, dois anos depois de começar a trabalhar aqui?

J: O Brasil tem oportunidades. É um país gigante, continental e vai continuar crescendo. Há uma crise triste, mas acreditamos que conseguiremos ter uma fatia do mercado. Várias empresas estão vendo oportunidades aqui. A Statoil, por exemplo, investe pois acredita no longo prazo.

Quais são as maiores dificuldades enfrentadas aqui?

J: A nossa empresa trabalha com cilindros hidráulicos na Europa inteira. Nossa planta no Brasil faz manutenção corretiva. Percebemos que no Brasil as empresas não davam muito valor à parte de correção. Estamos enfrentando um bloqueio, pois as pessoas não dão valor a este tipo de serviço. Quando há manutenção de qualidade, junto com confiabilidade, há uma aumento na durabilidade do equipamento. A empresa ganha dinheiro pois não tem que fazer downtime e paradas programadas.

Qual é a previsão de investimentos da Regnier no Brasil?

J: Já investimos quase R\$ 2 milhões nos últimos dois anos. Não sei dizer exatamente quanto será daqui pra frente, mas o valor nos próximos dois anos pode ser igual. Queremos investir em mão de obra, em qualificação. Estrategicamente falando, o país é ótimo, porque está nas Américas, em podemos atender outras partes da América Latina, como Bolívia e Argentina, e também parte do continente africano, além dos Estados Unidos. Vamos continuar investindo aqui, que é a nossa primeira filial.

Vocês já têm negociações com a Petrobras?

Ainda não estamos estruturados para conseguir pegar um cliente do tamanho da Petrobras. Queremos desenvolver mercado privado, solidificar nossa marca e depois vamos buscar o certificado da Petrobras. A Petrobras demanda muito tempo e dedicação exclusiva, é outro mundo.

O mercado brasileiro está se recuperando?

J: Estamos sentindo alguma melhoria, mas ainda é muito tímida. Além da incerteza econômica, há o problema de instabilidade política. Ninguém sabe o que vai acontecer e quando há um problema assim demora para a economia aquecer novamente. Acredito que, sim, vai ter uma melhora, mas estamos muito longe de quatro, cinco anos atrás.

Como vocês enxergam as mudanças na política de conteúdo local?

J: Para nós, a mudança no conteúdo local é excelente, mas esta é uma perspectiva egoísta. Vai ser uma farra para os estrangeiros, mas acho que para os brasileiros vai ser muito ruim. Para as empresas brasileiras, que já investiram em tecnologia, capacitação de mão de obra vai ser ruim.

O que você diria para as empresas estrangeiras que estão tentando entrar no Brasil?

J: Particpei da feira em Macaé (Brasil Offshore) e vi empresas interessadas em investir aqui no Brasil, mesmo com esse marasmo geral. As empresas europeias que estão vindo para cá acreditam que o Brasil tem um mercado a ser desenvolvido. Eu diria para as companhias estrangeiras que não adianta vir para o Brasil pensando em curto e médio prazo. O mercado não é rápido, demora a ser desenvolvido, demora a ter confiança nos estrangeiros. Aqui tudo é difícil, as dificuldades vêm antes das oportunidades.



Empresas
